editorial

Stylus 5 vem à luz em um tempo em que o trabalho de construção da Escola de Psicanálise do Campo Lacaniano está em efetivo andamento.

Com *Stylus* 3 realizava-se a transição de link do Espaço-Escola à Revista de Psicanálise da AFCL, apontando o tempo de concluir.

Já o número 4 de *Stylus* inseriu-se nessa série *a posteriori* (nachträglich), como lugar de testemunho do ato de criação da Escola — ali, onde se fazia a aposta na experiência inusitada de um funcionamento coletivo, de instauração de uma "comunidade de experiência" tal como Lacan nos indica na "Proposição de 9 de outubro de 1967", sobre o analista da Escola.

Ora, dizia Lacan, o cerne de uma tal comunidade nos é dado pela experiência dos praticantes. Nem mais, nem menos. De modo que a raiz da experiência do campo de psicanálise colocado em *extensão* deve ser encontrada na própria experiência psicanalítica, isto é, na psicanálise tomada em *intensão*. Assim nos diz Eliane Schermann no seu artigo sobre a Escola, que aqui se publica.

Daí a razão e o interesse desse número 5 de *Stylus*, organizando-se em torno do sintagma "O real da clínica". *Stylus* 3 já se apresentava como um espaço de trabalho no qual "a singularidade do texto de cada autor desse continuidade ao exercício de fazer avançar a elaboração da teoria analítica em sua confrontação com o real da clínica". Lá e então estávamos no tempo de compreender.

Stylus 4 marcou o tempo de conclusão. Com *Stylus* 5, estamos fazendo Escola — uma Escola orientada pelo ensino de Lacan — cuja proposta aponta um trabalho a ser feito com o real; esse mesmo que comanda a clínica e a existência malograda do sujeito no mundo.

"Lacan fez Escola no nível da clínica". É Nominé quem nos adverte, em seu texto que ora publicamos, afirmando que mais além (ou será mais aquém?) de um teórico formidável da psicanálise, Lacan foi, acima de tudo, clínico. Aquele que se submetia à lógica de um encontro singular, nas chamadas apresentações de enfermos, em busca do testemunho preciso da experiência subjetiva da psicose,

suportando sempre aí um lugar de sujeito e um saber transmissível. Dessa posição, ética pôde Lacan avançar o saber fazer com a psicose. E, de sua teoria dos discursos formalizados, pôde situar o discurso do analista como um novo laço social; o que, no texto que Angélia Teixeira nos dá a ler, aponta uma nova realidade regida por "um gozo que é avesso ao domínio e à escravidão do outro".

Nesse sentido, vale conferir a entrevista com Emir Sader, na qual ele situa a psicanálise como um instrumento essencial para o projeto de desalienação anunciado pelo marxismo e pelas denúncias das falácias de igualdade na sociedade atual.

É interessante notar como os textos que compõem o presente número convergem, todos eles, para um ponto enunciado por Colette Soler, em seu seminário sobre as variantes da destituição subjetiva, que é exatamente o que Lacan chamava *o elemento ético*. Soler articula essa questão ao dizer que, ainda que no discurso analítico a destituição seja programada, isso não implica que ela se produza em todos os casos. Pois, na análise, existe algo que não tem a ver com a lógica pura e que não é só estrutura. Trata-se da posição ética do sujeito, e isso toca o real. Aí se circunscreve uma questão que concerne ao movimento analítico, a saber, o uso que os sujeitos fazem do seu ponto de destituição. Ora, esse uso implica, para aquele que adveio ao lugar de analista, tornar-se sempre e a cada vez analisante, num movimento decidido de revigorar a teoria, opondo-se à tendência irresistível de uma repetição mortificante.

É nessa vertente que se coloca, e assim deve ser entendido, o convite feito por *Stylus* 4 ao seu leitor: debater com os autores dos textos e contribuir com sua escrita no ato de fazer escola pelo coletivo. Convite esse que já encontrou ressonância. Nesse número 5 de *Stylus*, pode-se ler o texto de um leitor que se implica no trabalho de comentar e avançar a elaboração da questão referente ao ato analítico — trata-se do artigo de Marie-Jean Sauret, "Do fracasso do ato ao desejo do analista", em franca articulação com o texto de Didier Castanet, "Da eficiência do ato e do desejo do psicanalista", publicado em *Stylus* 4.

Não se pode vislumbrar aí, nesse movimento de leitura e escrita, a idéia de uma escola de leitores? Uma escola não de *exegetas* — é o próprio Sauret quem o afirma

— mas de *decifradores*. E nós acrescentaríamos, escola de de-cifradores que fazem da letra que restou da operação de cernir o real próprio a cada um, um *escrito* (cifrado) a ser de-cifrado.

Assim, de leitor a autor, e outra vez leitor, e mais ainda, poder-se-ia engendrar um movimento de escola mais articulado ao S_1, produto do trabalho analítico, contribuindo, desse modo, para manter a direção já instalada no percurso de uma análise, de efetivar a queda das "certezas alienantes e imobilizadoras das construções imaginárias".

Tratar-se-ia então de uma escola de *lautores*, significante forjado a partir da contração de leitor e autor.

Encontramos aí uma possibilidade de articulação com a inusitada indicação que Barbara Cassin nos propõe, em seu texto "Doxografia e psicanálise, ou como transmitir?". Se a "doxografia funciona de perda em perda", se é um "escrito cuja filiação desapareceu" e que "não tem outra garantia ou fiador além de si mesmo", como se poderia pensar a questão da transmissão da experiência analítica na dimensão doxográfica?

Stylus sustenta o convite ao leitor-autor de fazer laço com essa revista e com a coletividade do Campo Lacaniano no Brasil e no mundo, ao mesmo tempo em que se afirma como lugar de inscrição de seus *escritos*.

KÁTIA BOTELHO DE CARVALHO